

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

**A CRISE DA AUTORIDADE NA EDUCAÇÃO : PERSPECTIVAS
PSICANALÍTICAS¹**
**THE RISIS OF UTHORITY IN EDUCATION : PSYCHOANALYTIC
PERSPECTIVES**

Luiz Felipe Vieira Amaral², Vânia Lisa Fischer Cossetin³

¹ Pesquisa Institucional desenvolvida no Departamento de Humanidade e Educação da UNIJUI

² Aluno do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, bolsista PROBIC/ FAPERGS,
felipe.amaral2011@live.com

³ Professora Doutora do Departamento de Humanidades e Educação, Orientadora,
vania.cossetin@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

Estes estudos vinculam-se ao Projeto de Pesquisa “Educabilidade, moralidade e justificação: perspectivas éticas para formação humana”. Seu objetivo é mapear e problematizar a crise de autoridade adulta contemporânea e seus efeitos no processo de subjetivação de crianças e adolescentes à luz da teoria psicanalítica. Uma crise, aparentemente sem precedentes, que desafia todas as áreas implicadas nos processos formativos - escolares ou não - a buscar respostas para o deslocamento do lugar de autoridade, outrora consolidado pelas figuras parentais e docentes no ofício de suas funções.

METODOLOGIA

A pesquisa é de caráter bibliográfico, com aporte crítico-hermenêutico no que se refere à leitura, interpretação e sistematização dos textos. Teoricamente, a pesquisa ancora-se no discurso psicanalítico de base freudiana e lacaniana, bem como em autores da tradição filosófica e educacional. Os esforços compreensivos aqui empreendidos deram-se a partir da leitura de textos pertinentes ao tema, sempre no intuito de identificar e refletir sobre as possíveis contribuições da teoria psicanalítica para pensar os problemas derivados desse suposto quadro de precarização da autoridade adulta na acolhida e introdução dos novos no mundo humano da cultura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vida em sociedade é presidida por convenções, tratados, tabus, proibições e leis, de modo que toda tentativa de quebra destas interdições pode produzir desequilíbrio não apenas na esfera da subjetividade, mas também em contextos objetivos, ou seja, sociais em meio aos quais, obviamente, os processos de subjetivação são constituídos. Para a teoria freudiana, toda a organização social, civilizacional, se dá a partir do mito inicial do pai da horda primeva, o qual seria detentor de todo poder e liberdade para o exercício de seu gozo. Segundo este modelo

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

mítico-explicativo, os filhos resolvem matar o pai a fim de terem acesso ao que lhes era restringido por ele. E, num grande banquete totêmico, comem os pedaços do corpo do pai e firmam um compromisso entre si colocando fim no incesto. “Assim os regulamentos totêmicos tornarão impossível a um filho desse casamento manter relações sexuais incestuosas com sua mãe ou irmãs, que são emus como ele próprio” (FREUD, 1996, p.24-25). Instaure-se, desse modo, as primeiras leis organizadoras da vida em sociedade.

Com o mito inaugural, fica o compromisso inconsciente do sujeito de respeitar este grande tratado que organiza a convivência entre pares. Mas para que ele consiga se colocar enquanto ser civilizado é preciso passar por este amplo caminho educativo, civilizador, que institui um lugar moral. Caminho que, segundo Freud (1996), é difícil de ser percorrido, pois, no início da vida, o princípio do prazer persiste como modo exclusivo de funcionamento mental, colocando-se em meio aos instintos sexuais os quais não se deixam conter facilmente. A proposição de Freud é a de que o processo civilizatório é complexo e de que o humano precisa ser educado a fim de abandonar seu lado primitivo e destrutivo, inclusive, que lhe é inerente desde o começo de sua vida.

Todo o processo educativo, acontece por meio de um diálogo entre gerações. Tradicionalmente, o bastão da cultura sempre foi entregue aos descendentes cujo compromisso, e função moral, era a de perpetuá-la. Assim, se apresentavam os modelos de transmissão tradicionais, em que os lugares não eram questionados e os tratados firmados eram respeitados a fim de se preservar a própria civilização.

Ao longo dos anos, e contemporaneamente com um acento ainda maior, estes tratados vêm sendo rompidos. As famílias já não apostam na sua prole, nem a prole confia em seus progenitores. Uma relação que fica na promessa, a qual não ganha vida, pois os sujeitos ficam largados à própria sorte, abandonados à orfandade (COSSETIN, 2018) e, assim, privados do ato educativo civilizador. Os pais, devedores da geração que os antecedeu e que lhes trouxe ao mundo, agora vacilam com seus herdeiros, rasgam as promissórias, negam-se a ser credores desses filhos os quais ficam sem dividendo algum e sem compromisso com os seus civilizadores. Então, “[...] se a questão é mesmo uma fragilidade desse lugar paterno, se ele simbolicamente está enfraquecido é natural que funcione como uma gangorra [...]” (CORSO; CORSO, 1993, p.75), por vezes assumindo este lugar, por vezes não. Com isso, de um lado, a palavra se esvazia, enfraquecendo o simbólico, de outro, o real sucumbe à palavra, ocasionando fissuras no discurso educativo e enfraquecendo a palavra enquanto ato subjetivo e constituinte.

Nessas condições, não há por parte dos filhos um recorte do ideal parental, o que leva a um desajuste do sujeito dentro do seu tempo cronológico, podendo passar por acontecimentos decisivos à constituição de sua psiquê, muito precoce ou muito tardiamente. Significa dizer que ser criança ou adolescente não tem particularidades. Uma criança pode ser estimulada a realizar um conjunto de tarefas a fim de que se torne um pequeno adulto portador de uma agenda cheia de tarefas, em meio ao que importa antecipar-lhe um futuro de sucesso e não a transmissão de valores culturais. Também pode ocorrer de um adolescente viver esta sua fase eternamente, sem conseguir colocar-se em cena, como adulto, no plano social. A situação se agrava quando seus

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

genitores não lhes oferecem planos para a sua vida. No momento em que os pais se negam a endividar seus filhos, inconscientemente deixam de criar projetos que os envolvam e os vinculem ao mundo.

Diante disso, o fracasso da educação torna-se um fato incontornável. Simbolicamente a posição daqueles que vieram antes, está a todo momento sendo questionada em virtude de não conseguirem ocupar um lugar consolidado frente ao discurso dominante, o que explica o apelo, por exemplo, ao saber do especialista ou do saber científico quando são chamados a falar sobre questões pertinentes a seus filhos. Trata-se do próprio sintoma das famílias que buscam sempre um lugar outro para sustentar sua posição de autoridade civilizadora vacilante.

O mesmo problema pode ser visto sob outra ótica, a saber, o da educação escolar. Como lugar formativo de compartilhamento de valores de uma cultura, a escola está submersa nesta grande crise. Os professores vêm perdendo o lugar de autoridade que, antes, representava o conhecimento e a tradição, base mínima de sustentação para continuar a civilizar as gerações e, assim, preservar o mundo. Em outros tempos, a posição do professor (do mestre) era vista como uma virtude, algo a ser seguido. É o que expressa o próprio Freud (1996):

Minha emoção ao encontrar meu velho mestre - escola adverte-me de que antes de tudo, devo admitir uma coisa: é difícil dizer se o que mais exerceu influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres (p.248)

Contemporaneamente, a escola vem perdendo o seu prestígio. Dentro dela, os professores estão sendo "convidados" a suspenderem a palavra e os alunos, por consequência, além de privados e desamparados dela, também estão sendo insuflados a se tornarem denunciadores de quem, ali está, justamente para mediar seus vínculos com o mundo.

A educação perde seu lugar enquanto processo civilizador pois quando os professores se encontram nesta encruzilhada, ficam desautorizados a ocupar o lugar de mestres, ou seja, de alguém que moralmente deveria ensinar, pela apresentação do contexto histórico, social e comunitário. Neste sentido, segundo Calligaris (1994) a educação busca se colocar como um dever e nunca na dimensão da promessa pois o dever coloca o sujeito em dívida com sua própria cultura e a promessa aposta no sujeito, mas esquece seus deveres. Seu alerta é que nesta "fratura exposta" na qual vive a educação, não há chance de perpetuar o conhecimento, nem os jovens de conseguirem contornar os discursos tiranos que buscam, fora de qualquer ato educativo, um lugar na vida desses jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

A educação é a aposta feita pela nossa sociedade na aculturação de seus participantes e na concessão de um lugar na cultura àqueles que chegam ao mundo. Um lugar que é de traço moral, porque se coloca como um dever daqueles que vêm antes de conceder aos que chegam um lugar no qual possam se ancorar e de um dever destes que chegam de assumirem a dívida com quem os civilizou e os introduziu no mundo da cultura. Trata-se de caminhos nos e pelos quais as tradições, os valores, os sentidos que sustentam o mundo possam ser transmitidos sem justificação, sob pena de serem facilmente desautorizados. Desse modo, falar de um lugar de acolhida solidificado é dar lugar à palavra com poder civilizador, logo, constituinte do próprio ser humano.

Palavras chave: Educação; Autoridade; Civilização; Psicanálise.

Keywords : Education; Authority; Civilization; Psychoanalysis.

Agradecimentos:

Agradeço à FAPERGS pela concessão da bolsa, à UNIJUI enquanto universidade promotora da pesquisa, à orientadora, Dra. Vânia Lisa Fischer Cossetin, pelo tempo, confiança e atenção dedicados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORSO; L, Diana; CORSO, MARIO. **Reflexão Sobre a Infância Contemporânea** IN: Seminários Psicanalíticos 92/ Clarisse Sampaio Roberto (organizadora) Ijuí: Unijuí 1993

COSSETIN, V. L. F.; SCHÜTZ, J. A. Protagonismo ou orfandade: notas sobre o “novo” ensino médio brasileiro. In: FUCHS, C.; SCHWENGBER, I. L.; SCHÜTZ, J. A. (org.) **Educação em debate:** cercanias da pesquisa. São Leopoldo: Oikos, 2018, p. 24-32.

CALLIGARIS, Contardo. Três conselhos para educação das crianças. In: CALLIGARIS, Contardo. Et ali. **Educa-se uma criança?**. 2 ed. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1994

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1920].

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1913-14].